morte à primeira vista

saga kernel — livro 1

ivo pires

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

PRÓLOGO

A nossa história começa no planeta Neorbis, perto do final de 1998 NC. Avizinhava-se o terceiro milénio da Nova Colonização. Eram tempos em que a kernelite parecia ser a solução para todos os problemas, e os Starstruck estavam a revolucionar o mundo da música. A guerra entre a Aliança e Artibus podia começar a qualquer momento, mas os habitantes dos países aliados não pareciam dar-lhe a devida importância. Ernest Swordtip, na qualidade de presidente de Novum, comandava a Aliança com um punho firme. Tencionava alargar os seus domínios à força, com Piscis em vista.

Ignis já se pusera, mas a sua luz ainda se reflectia na superfície de Sapiens, que iluminava agora os céus. Dentro de poucas horas, o Outono cedia o seu lugar ao Inverno. O vento arrastava areia e fumo, dificultando a visão. Dois vultos caminhavam por entre os montes de destroços. Vestiam o mesmo uniforme branco e prateado e empunhavam mortíferas armas, que apontavam a toda a volta a cada passo que davam, sondando o terreno.

— Então e o bolo? Já te falei no bolo? — disse Geibel, atentando na pequena nuvem de hálito gelado que acabara de expelir.

O entusiasmo era notável na voz do jovem soldado. O seu parceiro, por sua vez, começava a ficar entediado com o assunto. A primeira vez que um camarada de armas anuncia que está noivo do seu amor de infância é um momento comovente, mas torna-se rapidamente enfadonho quando é repetido de forma incessante.

— Só umas quatro ou cinco vezes. Assim como já me falaste das flores,

das alianças e da música que escolheram para a primeira dança. — Humston apontou a arma na direcção do colega e colocou-lhe a mira no peito. — De facto, sei tanto sobre o raio do teu casamento que, se te acontecer alguma coisa durante esta missão, serei perfeitamente capaz de tomar o teu lugar no altar. — Baixou a arma e riu-se. Com sorte, deixara Geibel desconfortável o suficiente para largar o assunto.

— Não podes censurar-me por estar entusiasmado! — desculpou-se Geibel, contornando mais um monte de destroços. Olhou em todas as direcções, assegurando-se que o caminho estava livre, e fez sinal a Humston para avançar.

— Uma coisa é estar entusiasmado, eu entendo isso. Outra coisa é ser o único tema de conversa ao longo da última meia estação. — Por mais que Humston se tentasse justificar, aquilo que na verdade o incomodava era a inveja que sentia do companheiro. A meio da Primavera seguinte, Geibel abandonaria as Forças da Aliança e voltaria para Beta, para casar com a rapariga dos seus sonhos. Era o tipo de felicidade que Humston não conseguia antever no seu futuro próximo, e não se sentia confortável ao ser constantemente recordado disso.

— Vamos lá cortar a conversa, rapazes! — A voz de Eden soou através do intercomunicador.

Cada equipa tinha um técnico encarregado de supervisionar a operação e controlar os radares e as comunicações. Eden não tinha qualquer experiência no terreno, mas sentia que conhecia aquele sector como se lá estivesse. Embora permanecesse em segurança no quartel-general, cada vez que Geibel, Humston e Angus arriscavam as suas vidas, cuidava deles como se fosse a sua própria vida em jogo. *Angus não… Agora é apenas Geibel e Humston.*

Tudo levava a crer que Angus desertara. Desaparecera durante a noite, três semanas antes. Deixara a arma e o uniforme em cima da cama, mas levara consigo os seus restantes pertences, incluindo algumas bugigangas que costumava encontrar no terreno. Eden sentia-se culpada por não ter antecipado esta decisão e redobrara a atenção prestada à equipa.

— Estou a detectar actividade no vosso sector — informou-os. — É melhor investigarem.

— Vês? Para que raios vais tu casar? — troçou Humston. — As mulheres passam a vida a mandar-nos calar e a dar-nos ordens.

Humston não pensava realmente assim. Na verdade, era um romântico. Mas era tão tímido que nem sequer era capaz de confessar os seus sentimentos por Eden. Achava que ela estava a par das suas intenções, e por vezes parecia-lhe que ela incentivava os seus suaves avanços. Porém, outras

vezes convencia-se de que estava apenas a imaginar e perdia novamente a esperança.

Conseguira por fim reunir coragem suficiente para a convidar para o Festival de Primavera, em Prima. Os Starstruck, a banda preferida de Eden, iam ser a principal actuação. *Depois, com o* rock *ainda a ferver no sangue, arrisco e convido-a para sair. Se ela aceitar, só tenho de permanecer confiante e pôr as cartas na mesa.*

— Tem calma, Eden! Ainda ontem patrulhámos este sector inteiro, e estava tudo bem. — Geibel descartou o aviso e seguiu as coordenadas que Eden lhes transmitira. As mulheres preocupavam-se demasiado. A mãe sempre fora assim, a irmã não ficava atrás, e a sua noiva, Sasha, era a pior de todas! A vida militar tinha os seus riscos. Geibel e os seus companheiros estavam cientes de que era inevitável encontrar algum perigo no cumprimento do dever. Afinal, estavam a tomar um país.

Piscis era uma das antigas colónias de Novum, que conseguira a sua independência durante a presidência de Garreth Blain. Embora não fosse um país com grande avanço tecnológico, dispunha de grandes extensões de solo fértil e da sua própria mina de kernelite, um mineral muito cobiçado devido às suas aplicações a nível energético. Os presidentes que lhe sucederam nunca deixaram de criticar Blain por esta decisão irreflectida.

Novum podia ser o núcleo da tecnologia, mas não era auto-sustentável, especialmente depois de Blain ter libertado as colónias. Essa necessidade de partilha de recursos foi um dos principais motivos que levaram Joshua Brent a fundar a Aliança durante o seu primeiro mandato. Quando Brent apresentou ao presidente de Piscis uma proposta de adesão, organizou-se um referendo para que os piscianos pudessem votar sobre o assunto, e o povo escolheu ficar fora. Tinham lutado durante vários anos para conseguir a independência e não pretendiam abdicar dela integrando a Aliança. Brent, um verdadeiro diplomata, aceitou pacificamente esta rejeição. Além disso, comparado com as toneladas de kernelite obtidas na integração de Tetris, Piscis era peixe-miúdo.

Quando Ernest Swordtip foi eleito, a situação era inteiramente diferente. Perante o iminente despoletar da guerra com Artibus, Piscis revelou-se de uma importância fundamental. De um ponto de vista estratégico, era um nicho de recursos que estava demasiado próximo de Artibus para poder ser ignorado. Swordtip repetiu a proposta que Brent fizera décadas antes. Novo referendo, nova rejeição, desta vez quase unânime. Contrariamente a Brent, Swordtip encarou isto como uma declaração de guerra e ordenou a conquista do país.

Geibel sempre sonhara alistar-se nas Forças, mas a vida militar era mais

apaixonante nas histórias do avô. Queria ser um herói a proteger a sua nação contra forças invasoras, não um vilão a invadir outra nação. Nunca pensara que pudesse ter de magoar inocentes.

A subida de Swordtip ao poder foi a gota de água. Geibel não podia continuar nas Forças, a lutar por valores em que não acreditava. Pediu transferência para a Patrulha da Cidade. Queria regressar a Beta, regressar a casa. Assim, durante a sua licença de Verão, surpreendeu Sasha com um ramo de satúrnias, a flor preferida dela, e pediu-a em casamento. Ela aceitou sem hesitar, e começaram prontamente a planear a união.

Porém, embora a transferência tivesse sido autorizada, o seu dever nas Forças estava longe de estar concluído. Não tardou a ser convocado para uma última missão, a começar em meados do Outono. Sabendo que a guerra estava iminente, a família ficou em alvoroço. A mãe, num pranto, suplicou-lhe que recusasse, como se isso fosse uma opção. Teve uma discussão acesa com a irmã, que também não queria que ele voltasse para o campo de batalha. Sasha não discutiu nem implorou. Geibel sabia que ela também estava perturbada, pois ele próprio estava aterrado de medo, mas estavam ambos perfeitamente cientes de que não podia negar-se. Prestara um juramento.

O tenente deixara o objectivo da missão bastante claro: tomar Piscis à força. A Aliança reunira informações que sugeriam que a conquista do pequeno país era um passo fundamental na estratégia do inimigo. Por mais que lhe desagradasse a ideia de conquistar uma nação pacífica, sem capacidade para retaliar, sentia que era a missão perfeita para acabar de cumprir o seu dever em relativa segurança e poder voltar para os braços da sua bela noiva. Além disso, Piscis ficaria muito mais seguro nas mãos da Aliança do que nas de Artibus, isso era inquestionável.

Os piscianos eram um povo orgulhoso e, ainda que não tivessem qualquer oportunidade de vitória, ofereceram resistência. As equipas de intervenção da Aliança serviram-se da artilharia pesada para erradicar a maioria da oposição, deixando apenas um ou outro renegado foragido. Agora, cabia a Geibel, Humston, e ao resto do seu pelotão, patrulhar todos os sectores até meio da Primavera, para garantir que os hostis tinham sido todos eliminados. No final do Inverno, a Aliança enviaria um conjunto de civis para recolonizar o território e começar a usufruir dos seus recursos.

Geibel contava ansiosamente os dias até ao final da missão. Contactava a sua noiva diariamente por holochamada, mas nunca fora capaz de reunir a coragem para lhe confessar a chacina inesperada em que o confronto se tornara. Sasha estava tão atarefada com os preparativos que era simples evitar o assunto. Geibel sentia-se agradecido por a noiva estar a tratar de tudo

sozinha, até porque a decisão final caber-lhe-ia sempre a ela. Os detalhes não tinham importância para ele, bastava-lhe saber que dentro em breve casaria com a mulher da sua vida. Pensar no futuro era a única coisa que lhe dava alento, que o fazia esquecer que o seu sonho de criança se transformara num cruel pesadelo, e que o ajudava a manter o ânimo nas noites geladas daquele desolado território.

Humston seguia agora na dianteira. O vento arrastava areia e poeira, secando-lhe a pele e fazendo-lhe arder os olhos. O frio era tanto que ele mal conseguia sentir as pontas dos dedos. Perguntava-se se teria sensibilidade para premir o gatilho caso a situação o pedisse.

Havia destroços de ambos os lados do percurso. *Que mal é que esta gente nos fez?* A cada passo, Humston sentia algum detrito quebrar-se sob as suas pesadas botas. Sempre que ouvia esse som, sentia que o que quebrara era a memória de algum idoso, o sonho de algum casal, a inocência de alguma criança. Vítimas de uma guerra que não escolheram. *Talvez o Angus tivesse razão, e toda esta missão tenha sido um erro.* Apercebeu-se de que estavam a caminhar em absoluto silêncio há cerca de meia hora. *Talvez tenha exagerado um pouco ao apontar a arma ao puto.*

— Confessa lá, Geibel. Escreveste os teus próprios votos?

— Eu até te contava, mas sei que não estás mesmo interessado — respondeu Geibel, fingindo-se amuado.

— Rapazes, estou a avisar-vos, limitem-se a seguir as coordenadas em silêncio — alertou Eden. — Os radares estão a captar uma actividade mais forte. Fiquem atentos e tenham cuidado! Odiava ter de ir ao festival sozinha, Humston.

No quartel-general, Eden recostou-se na cadeira e sorriu. Humston estava interessado nela há séculos, mas acabava sempre por se acovardar no momento crítico. Era uma das poucas mulheres no meio de dezenas de soldados cheios de testosterona e estava habituada a ser alvo de piropos e convidada para sair. Habitualmente recusava este tipo de investidas, mas notara algo diferente em Humston. Quando falava com ele, conseguia sempre perceber uma espécie de medo infantil nos seus olhos, bem como um ligeiro tremelicar do sorriso. Queria incentivá-lo sem parecer demasiado oferecida, só que por vezes perdia a paciência. *Tão bravo no terreno e tão atadinho com as mulheres, como é possível?*

Humston estacou, apanhado desprevenido pela tirada de Eden. Geibel aproximou-se e olhou-o, surpreendido. Humston sentiu as faces corar quando percebeu que o colega compreendera tudo.

—Tu e a Eden?! Não me contaste nada! — A voz de Geibel era um misto

de surpresa e felicidade. Ficava contente por Humston ter finalmente ganhado coragem para convidar Eden para sair. Percebia-se perfeitamente que tinha um fraquinho por ela, e talvez assim fosse mais tolerante com as conversas sobre o casamento. — Preciso de saber destas coisas! Vou ter de rever a configuração dos lugares no casamento!

— N-n-não fiques com a ideia e-e-errada! — gaguejou Humston. — Somos apenas amigos!

Continuaram o resto do percurso em silêncio. Geibel sorria, perdido nos seus pensamentos, satisfeito com as boas novas. Humston permanecia cabisbaixo, ainda envergonhado. Avançaram pelo meio dos escombros, aproximando-se das coordenadas que Eden fornecera. A dada altura, Humston estacou e agachou-se, apanhando algo do chão. *O Angus teria adorado isto.* Sacudiu o pó do objecto e atirou-o a Geibel.

— Que tal isto como prenda de casamento? — Tratava-se de uma pequena tiara, que provavelmente pertencera a alguma criança pisciana que tivera um infeliz fim. — A Sasha pode usá-la para dar sorte! Pode ser o *algo emprestado* dela.

— *Algo emprestado*?

— Sim, tu sabes. «Algo velho, algo novo, algo emprestado, algo azul» — explicou Humston. — A minha avó costumava dizer que trazia sorte ao casamento, ou algo assim.

— Afinal saíste-me um guru do casamento! — troçou Geibel. — Bem, tu estás convidado, por isso acho que podes ser o *algo velho*.

— Mais uma gracinha dessas e faço-te um buraco nos dentes que pode ser o *algo novo*.

— Silêncio! — ordenou Eden. — Tenham cuidado agora. Estou a detectar forte actividade a leste da vossa posição. Está algo a aproximar-se.

Geibel e Humston calaram-se imediatamente. Sentiram o corpo em tensão. Não esperavam encontrar ninguém. As patrulhas anteriores tinham sido tranquilas. Receosos, finalmente obedeceram às ordens de Eden e encostaram-se à parede de um antigo edifício desmoronado, ficando à escuta.

Durante algum tempo, a única coisa que conseguiram ouvir era o vento, gelado e feroz, a atirar detritos contra detritos sem a menor piedade. Foi então que distinguiram o som de passos a aproximar-se. Humston olhou para o chão e apercebeu-se de algo que lhes podia ser útil. Agachou-se e apanhou um pedaço de espelho partido, usando-o em seguida para espreitar quem se aproximava. O que viu deixou-o mais tranquilo.

— É uma criança! — sussurrou.

— Negativo! — contrapôs Eden. — Uma criança não poderia evidenciar uma actividade tão intensa nos radares.

— Estou a dizer-te que é só um puto! — reiterou Humston. Levantou-se e avançou na direcção da criança, que parecia ainda não os ter visto.

— Rapazes, o radar indica que estão a ser cercados! — A voz de Eden evidenciava o pânico que sentia. — É melhor saírem daí! Há uma abertura na vossa retaguarda, mas por pouco tempo! Eles são demasiados!

— Os teus radares precisam de ser afinados, Eden — contrapôs Geibel, que também saíra do esconderijo. — O Humston tem razão, o puto está sozinho. Estamos em campo aberto, não há nada em redor onde se pudessem esconder.

— Ei, miúdo, vem cá! — Humston avançou com cautela. Leu o receio nos olhos do miúdo e decidiu pousar a arma para o tranquilizar. — Não tenhas medo, está bem?

— Humston, estás a desobedecer a uma ordem superior! — O tom de Eden era sério. Não o devia ter provocado. Agora ele estava a armar-se em valentão, e ela não seria capaz de se perdoar se acontecesse alguma coisa. — Ordeno-vos que saiam daí imediatamente!

— Onde estão os teus pais? — Humston ignorou Eden e continuou lentamente na direcção do miúdo, com as mãos no ar. Este continuava a olhá-lo, receoso, pelo que tentou deixá-lo à vontade. — Não te vou fazer mal.

— Eu sei que não — respondeu o miúdo, esboçando um sorriso que fez Geibel estremecer. O seu sotaque era marcado, claramente oriundo do Leste, mais marcado que o dos restantes piscianos com que se haviam deparado até então. Decerto seria a poeira no ar que lhe dava o tom acinzentado à pele.

— Humston, talvez fosse melhor voltarmos — atalhou Geibel. Sentiu um calafrio, mas desta vez não lhe parecia que a culpa fosse da temperatura. *Este puto está a fazer-me arrepios.*

Humston voltou-se para o encarar.

— Vá lá, Geibel! Não me digas que estás com medo de uma criança! — Quando apontou para o local onde o miúdo estivera, ele já não estava lá. — Mas que raios?!

Foi então que ouviram um riso infantil nas suas costas, um riso que lhes fez gelar o corpo todo. Quando se voltaram, surpresos, ficaram de frente para a criança, que ainda ostentava aquele sorriso distorcido. Aperceberam-se de que tinham caído em algum tipo de cilada. Reagindo por instinto, Humston mergulhou em direcção da arma, mas Geibel manteve-se sem reacção.

—Rapazes, o que aconteceu? — perguntou Eden. Ouvira o choque na voz de Humston e depois perdera completamente a noção do que se estava a

passar. Ambos tinham gritado, os seus sinais vitais tinham atingido valores sem sentido, e agora não conseguia obter qualquer resposta. — O radar está em alvoroço, há pontos por todo o lado! Está a passar-se alguma coisa!

Frustrada com o equipamento, Eden chamou um dos técnicos para tentar corrigir o erro, mas não conseguiram detectar qualquer interferência. Enquanto o radar se mantinha num frenesim, continuou a tentar contactar os rapazes, sempre em vão. Até que, de repente, o radar estabilizou, evidenciando um único ponto vermelho bem no centro. Foi nesse momento que, através do intercomunicador, chegou uma voz que lhe gelou o sangue.

— Podes dizer à Sasha que já tem o seu *algo azul*. — E, logo de seguida, silêncio. Nada além do familiar ruído do quartel-general.

— Quem está aí? — gritou Eden, mesmo sabendo que não teria resposta à sua pergunta. O ponto no radar desaparecera. Teria sequer lá estado? Continuando sem resposta do terreno e temendo o pior, solicitou reforços às equipas que se encontravam nos restantes sectores.

Os reforços apressaram-se a seguir as coordenadas indicadas. Quando lá chegaram, avistaram dois vultos vestidos de branco e prateado. Estavam de pé, mas completamente imóveis. Com máxima cautela, os reforços aproximaram-se de Geibel e Humston, apenas para se depararem com os seus corpos completamente petrificados, emanando um forte brilho azul, com uma expressão de horror estampada no rosto.

Mal tiveram tempo de fazer chegar essa informação ao quartel-general, quando avistaram uma criança a aproximar-se com um sorriso distorcido, e um clarão azul invadiu os céus.

O Sabor da Liberdade

Ignis brilhava intensamente no céu, cobrindo a árida paisagem com um calor abrasador.

E pensar que por esta altura é Inverno em Neorbis…

Encharcado em suor, com a picareta quase a escapar-se-lhe das mãos escorregadias, Alyn Pearmew fazia os possíveis por continuar o seu trabalho. O implacável sol incidia sobre as rochas em redor, fazendo o mineral azul reluzir como se tivesse luz própria.

Após mais um golpe na rocha, Alyn pousou a picareta e levou o cantil à boca, esperando que um pouco de água o refrescasse. *Até a maldita água está quente.* Colocou uma mão sobre a testa em brasa e olhou para o céu, estudando a posição de Ignis e tentando adivinhar quantas horas de trabalho forçado lhe restavam antes de poder finalmente descansar.

— Pouco mais d'uma hora! — gritou Naru, que se aproximava a passos largos carregando os baldes. Em Carcer não era difícil adivinhar o que alguém estaria a pensar se fosse apanhado a olhar para o céu. — 'Tás a pensar quanto tempo falta, certo?

— Mais uma hora debaixo deste calor e fico bem passado! — refilou Alyn, agachando-se e começando a encher os baldes com a kernelite que havia minerado.

— Fala mais baixo — aconselhou Naru. — Ainda agora passei por dois sentinelas qu'andavam a rondar aqui por perto… Não seria bom que te ouvissem a protestar… Sabes bem do qu'aqueles sacanas são capazes.

A recordação atingiu Alyn como um arrepio de frio. Já fora castigado

antes. Quando começou a sua sentença no sector 2A, cumprir ordens não era algo que aceitasse facilmente. A dada altura pisara seriamente o risco e fora levado para uma sala isolada. Bastou uma hora de tortura com *psyvolts* para o pôr na linha. *Como se me queimassem a alma.* Esperava nunca ter de voltar a passar pela mesma experiência.

— Tens razão — reconheceu Alyn. — Levas essa kernelite para a Fornalha? — perguntou, apontando os fragmentos que estivera a extrair da rocha. — Volta com mais dois baldes, e penso que será suficiente por hoje.

— Só mais uma carga? — Um sorriso provocador assomou à face de Naru. — O Zane fez o Engenhocas carregar o dobro!

— O Zane é um tetra! Não esperava outra coisa! — Alyn ignorou a provocação e voltou a brandir a picareta contra a rocha, fazendo saltar estilhaços de kernelite em todas as direcções, em laivos de um azul cintilante.

Azul, como o mar imenso. Como sinto falta do mar…

Reprimiu uma lágrima e continuou a trabalhar com energia redobrada, esforçando-se por afastar as recordações de dias melhores.

Quando Naru finalmente voltou com os baldes, percebeu que uma única viagem não seria suficiente para carregar o mineral de volta.

— Disseste qu'era a última carga! — A indignação do amigo divertiu Alyn.

— O que posso dizer? Deixei-me levar pelo entusiasmo! — Pousou a picareta e limpou o suor da testa com as mãos imundas.

— Vai enchendo estes baldes enquanto eu vou buscar mais dois. Carregamo-los de volta juntos!

Uma vez com os baldes cheios, começaram a travessia de regresso à Fornalha. O grande edifício de cores sóbrias ficava no centro do sector e tinha um ar ameaçador face à desolação em redor. Dirigiram-se para a grande entrada, abrindo caminho por entre os restantes prisioneiros.

Ao desviar-se de um corpulento tetra, Alyn acabou por chocar com um azuro idoso, fazendo com que este entornasse um dos seus baldes, espalhando o mineral pelo chão. Enquanto o ajudava a recolher os estilhaços caídos, tocou-lhe acidentalmente na mão, sentindo uma inesperada descarga de electricidade estática.

— Alyn, ainda demoras? — resmungou Naru.

Alyn pediu desculpa ao velho pelo sucedido. O azuro não respondeu, limitando-se a fitá-lo intensamente. *Já pedi desculpa, meu. Não posso fazer mais que isso.* Antes que Naru voltasse a resmungar, levantou-se e seguiu-o em direcção à Fornalha.

Uma vez no interior, despejaram os quatro baldes num dos enormes

contentores. Estimou que tivessem minerado perto de uma tonelada. *Mesmo assim, nunca é suficiente.* Em breve, as máquinas começariam a funcionar e a derreter a kernelite, mas isso já não seria para os seus olhos. Quando terminaram, Naru sentou-se no chão, exausto.

— E-e-então? — gaguejou Alyn, atrapalhado. Os outros reclusos ainda pareciam bastante ocupados, não seria boa ideia começar a preguiçar. — Levanta-te antes que os sentinelas te vejam!

Naru abanou a cabeça e apontou para cima. Assim que o fez, ouviu-se o repicar do sino.

— Folga, doce folga! Devias mesmo começar a controlar melhor o tempo!

— O Wes está a construir-me um relógio. — Arrependeu-se instantaneamente de o ter mencionado. Wes tinha-lhe pedido alguma discrição. A discrição não era, definitivamente, o ponto forte de Naru.

— Um relógio? Coitado, tens mesmo apanhado muito sol, não tens? Sabes tão bem como eu qu'as máquinas são completamente inúteis durante o dia! — Naru levantou-se e dirigiu-se para o exterior.

— Não é mecânico! — Alyn apressou-se a seguir o amigo. — É um relógio de sol!

— O que raio é isso? — Naru parecia genuinamente intrigado.

— O Wes diz que os usavam na Terra, muito antes de terem inventado qualquer tipo de relógio mecânico. — Agarrou o pulso esquerdo, onde habitualmente traria o seu relógio. Sentia falta das pequenas conveniências da tecnologia. — Não é uma máquina, é uma espécie de disco com uma placa vertical. Quando o sol incide sobre ele, a sombra da placa forma um ponteiro e mostra-te as horas!

Naru parou de caminhar e ponderou a ideia por breves instantes. Logo de seguida, abanou a cabeça e retomou o caminho.

— Que estupidez!

— Põe-te no meu lugar! Na Terra, os dias só têm 24 horas… — explicou Alyn. — Ainda mal me tinha habituado aos dias de 28 horas em Neorbis e agora tenho de levar com dias de 32 horas aqui! Parecem intermináveis! O meu corpo não foi feito para isto!

— Que dramático! — disse Naru, revirando os olhos. — Mais cedo ou mais tarde, um gajo habitua-se! O Engenhocas devia aproveitar pra descansar em vez de perder tempo a construir essas futilidades!

— Futilidades? — Alyn ficara entusiasmado com a ideia do relógio quando Wes lho mencionara. Achava que o ajudaria a lidar melhor com a privação tecnológica a que estavam submetidos. — Somos prisioneiros para o resto das nossas vidas, estas futilidades são tudo o que temos!

— Pois eu prefiro descansar enquanto desfruto de um belo cubo! Pra mim são a melhor parte do dia!

Alyn desistiu de contra-argumentar, pelo que prosseguiram em silêncio até à zona de lazer, a área onde os prisioneiros podiam descontrair após um árduo dia de trabalho.

Essa zona estendia-se ao longo da Parede Sul, uma das quatro paredes que cresciam em direcção ao céu e delimitavam o sector 2A. Dizia-se que as paredes tinham sido erguidas pelos primeiros prisioneiros, embora fosse difícil imaginar a construção de tamanhas estruturas sem o apoio de maquinaria.

Caminharam ao longo de vários edifícios similares de estrutura extremamente simples, embora devidamente identificados. A modesta biblioteca encontrava-se praticamente vazia, como habitualmente. A sua colecção diminuta consistia maioritariamente nalguns clássicos de ficção e num conjunto de volumes sobre a história da Terra antes da colonização de Neorbis. As antigas *Playboy* estavam entre o material mais solicitado, mas mesmo estas não eram muito procuradas, já que o holoecrã que tinham em casa disponibilizava conteúdo mais apelativo.

Ao lado da biblioteca apresentava-se a arena, onde os prisioneiros se podiam defrontar em combates de vale-tudo para resolver disputas e descarregar frustrações. Os combates regulares ajudavam a manter a violência apenas dentro da arena e proporcionavam entretenimento aos restantes prisioneiros, sendo ainda um forte motivo de apostas. No entanto, naquela tarde a arena também estava vazia.

O ginásio estava equipado com alguns velhos aparelhos de musculação, permitindo que os prisioneiros se mantivessem em forma. Dificilmente encontrariam lá algum norm ou azuro. Depois de um dia de trabalho árduo, praticamente só os hérbeos e os tetras ainda tinham energia para treinar.

Em dias quentes como aquele, o local mais popular na zona de lazer era sem dúvida o bar. Quando lá entraram, Zane acenou-lhes com o braço supradireito. Wes também estava na mesa, envergando a sua comprida túnica cheia de bolsos, a trabalhar afincadamente em algo.

— Iss'é qu'é a treta do relógio? — troçou Naru, enquanto ocupava o seu lugar. Wes ergueu os olhos para lhe lançar um olhar de desdém. Naru sorriu, levantou a tampa do recipiente ao centro da mesa e retirou um cubo verde. — Serve-te, Alyn!

Alyn levantou a tampa e sentiu a reconfortante aragem gelada que emanava do recipiente. Contemplou os cubos transparentes que brilhavam numa infinidade de cores. Além de extremamente refrescantes, continham a concentração ideal de minerais para suprir as carências dos prisioneiros após

um longo dia de trabalho. Para alguns, era o seu elevado teor alcoólico que os tornava mais apetecíveis. Os azuis eram os mais frescos, com um toque mentolado. *Azul, como o maldito mineral que nos rouba as vidas.* Os verdes, os predilectos de Naru, tinham um acídico sabor a maçã. Os cor de laranja tinham um sabor cítrico. Violeta para frutos silvestres, preto para alcaçuz, branco para coco, vermelho para tomate. Cada cor com um sabor diferente, de uma variedade impressionante. Enquanto agarrava num cubo amarelo, Alyn deu por si a concordar com Naru, os cubos eram a melhor parte do dia.

É uma pena não haver uma cor para o sabor da liberdade.

— Zane, posso ficar co teu? — perguntou Naru. Cada prisioneiro só tinha direito a um cubo por dia, para evitar problemas devido ao excesso de álcool, mas Naru tentava sempre conseguir um segundo ou terceiro.

— C'um calor destes? Nem penses! — disse Zane, retirando um cubo ao acaso. — Posso não conseguir saboreá-los, mas preciso deles pra me refrescar! — Sendo um tetra, Zane não tinha nariz, olfacto ou paladar.

— Pobre Zane. Não sabes o que perdes! — lamentou Naru. — Prometo-te que, s'algum dia sairmos daqui, peço à minha mãe pra te fazer o famoso caril dela! É tão forte que se diz qu'até os tetras lhe sentem o sabor.

— Isso não é cientificamente possível — apontou Wes, interrompendo o seu trabalho no relógio.

— És um tetra, Engenhocas? Já provaste o caril da minha mãe? — perguntou Naru, não esperando qualquer resposta. — Então não sabes s'é possível!

— Nada me faria mais feliz do que sair daqui pra vermos qual de vocês tem razão! — riu Zane.

— Sou eu — afirmou Wes, resoluto.

— Concordamos em discordar — disse Naru. — E concordamos qu'eu posso ficar co teu cubo, certo? — Wes não era apreciador de álcool e habitualmente dispensava o seu cubo.

— Uma vez ladrão, sempre um ladrão! — Wes levou a mão ao recipiente e atirou a Naru um cubo verde. — Vê lá se não te engasgas!

Enquanto o cubo se derretia lentamente, impregnando a sua boca com um doce sabor a ananás, saciando-lhe a sede e refrescando-o, Alyn contemplava o animado bando.

Naru Cott era quem estava em Carcer há mais tempo. Esguio e veloz, levara a vida como ladrão nas areias de Sabulum. *Tolera este calor infernal muito melhor que nós.* Fora por fim apanhado e condenado a passar o resto dos seus dias no Planeta Prisão. A sua personalidade extrovertida fazia dele uma espécie de líder do pequeno grupo, embora as suas constantes provocações se tornassem rapidamente cansativas.

Zane Payne era o mais velho dos quatro. Trabalhara como assassino contratado em Novum, o país mais poderoso da Aliança. *Ouvi dizer que nunca falhou um alvo.* Extremamente mortífero, mas inofensivo quando não estava em serviço, fora recentemente transferido de um sector de Escalão 3 como recompensa por bom comportamento, algo que não se via todos os dias. Sendo um tetra, Zane conseguia ter um rendimento muito maior do que qualquer dos seus companheiros e ainda assim ter mais energia no final do dia de trabalho.

O introvertido Wes Tinseth era o mais peculiar de todos. Estivera ao serviço da Academia do Saber durante anos, pelo que era um norm extremamente inteligente e culto. *Vivi na Terra até aos 18 anos, mas o Wes nunca lá foi e parece saber mais sobre o planeta do que eu.* Foi condenado após ter sido apanhado a tentar aceder a alguns arquivos confidenciais sem a devida autorização. Chegara a Carcer ao mesmo tempo que Alyn e eram amigos desde então. Wes ensinara-lhe muito sobre a Aliança, em particular sobre o Planeta Prisão, mas também parecia deixar muito por dizer.

As mesas em redor estavam cheias de outros prisioneiros a aproveitar o seu tempo livre. Todos estavam visivelmente fatigados após mais um dia a minerar e transportar kernelite para a Fornalha, mas pareciam querer tirar o maior partido possível do seu tempo livre. Alguns contavam histórias, *parece que já as ouvi todas*, outros cantarolavam, e uns poucos simplesmente observavam. Um deles era o velho azuro com quem Alyn chocara pouco antes.

Quando cruzou o olhar do velho, não foi capaz de o voltar a desviar, como se uma curiosidade imensa se apoderasse dele.

Azul, como o mar imenso.

Já alguém lhe tinha falado sobre ele. Segundo parecia, era o prisioneiro mais antigo de todo o sector 2A, preso há mais de doze anos. Não conseguia recordar-se do nome dele, mas lembrava-se de que era originário de Caerulus, como a maioria dos azuros. Aparentemente, fora um dos líderes do seu povo, comandando a resistência contra a inclusão na Aliança. No entanto, dada a dimensão das Forças da Aliança, a resistência fora infrutífera e pouco mais lograra que a morte de algumas centenas de azuros. Com a vitória da Aliança, fora decretado traidor e condenado a Carcer-2A, onde veria a velhice apoderar-se do seu corpo.

Enquanto o observava, Alyn imaginava a sua própria vida a ser desperdiçada no Planeta Prisão, minerando kernelite até ao fim dos seus dias.

Não sabia exactamente o que o cativava, mas por algum motivo não conseguia desviar a sua atenção do azuro. Perdeu completamente a noção do tempo. Ouvia os amigos a falar, mas não atentava no que diziam. Era como se estivesse debaixo de água. Conseguia ouvir vozes, mas não era capaz de se

concentrar nas palavras. Assim permaneceu até que um pequeno grupo se levantou da mesa e saiu do bar, obstruindo a sua linha de visão e libertando-o daquele estranho transe.

Quando conseguiu olhar em volta novamente reparou em Naru, que regressava dos lavabos, a fazer-lhe sinal com a cabeça na direcção da porta. Zane estava noutra mesa, a acabar de derrubar outro tetra em mais uma ronda de duplo braço-de-ferro, enquanto os apostadores em redor acertavam as suas contas. Quando o sino soou novamente, o sabor a ananás já se tinha dissipado da sua boca. Wes guardou o relógio e as ferramentas nos bolsos da sua longa túnica e pôs-se de pé.

— Está na hora de voltar para casa.

— À mesma hora amanhã? — troçou Alyn.

Levantou-se e seguiu os restantes para fora do bar. No exterior, Ignis estava a pôr-se e em breve não seria permitido vaguear. Seguiram no sentido da Parede Oeste, para a zona habitacional.

Ao passar pela Fornalha, ouviram o som das máquinas a começar a trabalhar. Na torre, o sino continuava a repicar incessantemente, anunciando o recolher.

Em breve chegaram ao complexo de pequenas casas idênticas, dispostas em matriz. Alyn cumprimentou os seus companheiros e dirigiu-se para casa. Antes de entrar olhou para trás, para o céu estrelado, e viu as luzes das naves que se aproximavam.

Lar, doce lar.

Dirigiu-se para a pequena cozinha e ligou o holoecrã sobre a mesa. Fez deslizar a lista holográfica até encontrar o jantar pretendido e deu a ordem para iniciar a preparação. A barra de progresso surgiu no holoecrã enquanto o preparador de refeições começou a gerar o jantar.

Estou a tresandar, é melhor tomar um banho enquanto espero.

Na casa de banho, despiu-se e entrou na câmara de duche, accionando o modo de lavagem intenso. O compartimento dos *nanobots* abriu-se e estes começaram a percorrer o seu corpo como um enxame de formigas, removendo a sujidade e o odor no seu caminho. Uma vez limpo e desinfectado, ouviu o som do preparador a indicar que o jantar estava pronto. Vestiu roupa interior lavada e voltou para a cozinha.

Abriu a porta do preparador e retirou o seu jantar. O aroma artificial não lhe cativou o apetite. Enquanto mastigava a carne sintética, deu por si a pensar nas naves que vira antes de entrar em casa. *Habitualmente, uma nave é o suficiente para a entrega de mantimentos. Uma segunda nave significa que estão a trazer novos prisioneiros.*

Assim que acabou de jantar, dirigiu-se para o quarto e recostou-se na cama a olhar para o tecto. Mesmo depois de um ano inteiro, ainda não se habituara a morar numa casa sem janelas, ou ao simples facto de não poder sair durante a noite. Abominava as suas horas de descanso. Durante o dia, o trabalho podia ser bastante árduo, mas pelo menos mantinha-o ocupado. À noite, no entanto, a sua mente desocupada era livre de desencantar as suas saudosas memórias dos tempos de liberdade.

Deu por si a pensar na Terra e em como nunca devia ter saído de lá. *Se tivesse ficado na Terra, tinha-me mantido fora de sarilhos.* Mas a Terra tornara-se enfadonha, e Neorbis parecia um mundo repleto de oportunidades. Infelizmente, isso não passava de uma cruel ilusão. Ou talvez devesse ter feito escolhas diferentes. Não depositar a sua confiança num vigarista teria sido um bom começo. *Pensei que fôssemos amigos.*

Alyn tentou abstrair-se das suas recordações e pensou no que estariam a fazer os restantes cativos. Imaginou Wes a ler um livro à luz de um candeeiro. Naru estaria provavelmente a ver algum tipo de programa para adultos no holoecrã. Quanto a Zane, o mais certo era estar a fazer flexões ou outro tipo de exercício qualquer. Os seus pensamentos foram bruscamente interrompidos pelo rosto do velho azuro a olhar fixamente para si.

Azul, como o mar imenso.

Estremeceu. Algo naquele olhar o deixava inquieto, mas não conseguia desvendar o que era ao certo.

Ouviu um clangor metálico vindo do exterior que fez com que os pensamentos se dissipassem. Os sentinelas tinham começado as rondas com as máquinas de busca. *Espero que ninguém tenha tido a infeliz ideia de ficar no exterior.*

Numa das primeiras semanas em que esteve preso, houve uma noite em que o ruído vindo do exterior tinha sido imenso. *Os gritos. Tantos gritos.* Na manhã seguinte, um outro prisioneiro contara-lhe que alguém tinha tentado escapar durante a noite, correndo para uma nave de carga. Os sentinelas tinham perseguido o incauto, *tantos gritos*, e tinham-no eliminado antes que conseguisse lá chegar. O único rasto que sobrara do fugitivo fora uma mancha queimada no solo. *Até os* psyvolts *pareciam uma boa opção, em comparação.*

Era a única tentativa de fuga de que se recordava, mas Naru afirmava terem havido outras. *Todos os anos há algum idiota que tenta escapar. Ou se esquece do qu'aconteceu ao anterior, ou o desespero vence e mesmo a morte parece melhor do que continuar aqui mais um dia que seja.*

De certa forma, Alyn entendia o desespero. Não estavam a cumprir qualquer tipo de sentença em que pudessem riscar os dias do calendário na

antecipação de um futuro em liberdade. Mesmo que seguissem as regras e fizessem o seu trabalho, o melhor com que podiam contar era uma transferência para um sector do Escalão 1. Eram prisioneiros para o resto das suas vidas, quer merecessem a sentença que lhes fora atribuída, quer não. Por melhores que fossem as condições de vida em Carcer, pouco mais eram do que escravos, minerando kernelite de sol a sol para algum propósito que lhes era alheio. Sem nada de bom a esperar do futuro, conseguia perceber a ideia de pôr tudo em risco e tentar escapar. No entanto, sabia que, se algum dia fosse a sua vez de tentar, teria de ter um plano. Um plano cuidadosamente elaborado.

Fechou os olhos, imaginou que estava de volta ao bar e que, em vez do cubo amarelo, escolhera um cubo diferente. Era um cubo branco, mas, quando a luz do sol incidiu sobre ele, conseguira distinguir todas as cores do espectro. Provou este misterioso cubo e reconheceu instantaneamente o sabor.

O sabor da liberdade.

Enquanto saboreava o cubo imaginário, o seu corpo bem real adormecia, com uma lágrima a escorrer pelo rosto.

O Mercado dos Afectos

A jovem caminhava descontraidamente ao longo da rua, ignorando os vários piropos que lhe eram dirigidos. Já os tinha ouvido todos, uma e outra vez.

Os dias estavam a ficar mais frios, mas não o suficiente para a fazer pôr de parte a sua roupa mais reveladora. O ousado vestido que trazia deixava pouco à imaginação e o seu perfume sensual podia sentir-se a milhas.

Continuou o seu caminhar sedutor, passando à porta de um bar lotado. Várias cabeças se voltaram para lhe verem as ancas a bambolear à sua passagem.

— Ó lindinha, anda cá ao papá! — gritou um tetra barbudo. Tinha um ar rude e sujo, como muitos dos homens que se dirigem a Libis para estourar as poupanças.

— Belas pernas! A que horas abrem? — gritou um dos companheiros do homem barbudo, cheio de coragem líquida mas sem muita imaginação.

— Abrem a qualquer hora! — respondeu um terceiro, visivelmente divertido. — Só que tu não tens dinheiro para as abrir! — Desataram os três a rir e voltaram para o interior do bar.

Há muito que Myah Trulevo deixara de se sentir ofendida com este tipo de piropos. Sabia perfeitamente o quanto era desejada, *a ideia é mesmo essa*, era natural que algumas manifestações desse mesmo desejo fossem mais expressivas que outras. Os piropos eram inofensivos, não a incomodavam. Os visitantes de Libis estavam lá por um único motivo. Todos sabiam porque lá estavam, pois todos estavam lá para o mesmo, não havia vergonha em admiti-lo.

Muitas pessoas pensavam que o sexo era o único motivo pelo qual Libis estava sempre a abarrotar de turistas. Myah sempre considerara esse ponto de vista extremamente redutor. Já lera vários artigos sobre a cidade, *provavelmente escritos por um bando de puritanos sexualmente reprimidos*, que reduziam Libis ao sexo. No entanto, Libis era bem mais que isso. O sexo por si só era algo deveras fácil de obter. Qualquer clube nocturno em Novum estava constantemente a abarrotar de pessoas dispostas a uma aventura de uma noite só, gratuitamente e sem mais explicações. Mesmo os mais introvertidos não teriam qualquer dificuldade em encontrar quem lhes cobrasse pelo serviço. Libis podia ser o único lugar onde a prostituição era legal, mas isso não significava que fosse o único local onde era praticada. Porém, Libis tinha aperfeiçoado a arte da prostituição ao mais alto nível. Chamar *sexo* ao serviço lá providenciado era quase insultuoso.

Na sua opinião, de todas as reportagens que lera sobre Libis, apenas uma fazia jus à verdadeira essência da cidade. Nas garrafais letras do título podia ler-se «Primavera no Mercado dos Afectos». Deedra Porter, uma jornalista do *Nébula de Novum,* passara quatro semanas na cidade e visitara todas as Mansões, mais que uma vez, e fora servida tanto por homens como por mulheres. Escrevera que a prostituição em Libis era uma autêntica forma de arte e não uma simples troca de sexo por créditos. Myah lembrava-se das palavras exactas da notícia. *A satisfação do visitante é o principal foco. Quem visitar qualquer das Mansões de Libis nunca sentirá que os homens e as mulheres que lá trabalham lhes estão de algum modo a fazer um favor.* Quando lera aquilo pela primeira vez, acariciara o seu íntimo, recordando a sua própria sessão com a jornalista. A mulher tinha uma energia impressionante, fora cativante e insaciável. *Em cada um desses encontros, senti que os homens e mulheres a quem pagava me desejavam intensamente. Desejavam-me tanto (ou mais ainda) quanto eu os desejava a eles.* A notícia gerara imensa polémica aquando da sua publicação, garantindo a Deedra uma merecida promoção.

Myah olhou de relance para o pulso esquerdo, onde a sua tatuagem brilhou, evidenciando as horas. Estava quase na altura de terminar a ronda e entrar ao serviço. A ideia de Amara continuava a funcionar na perfeição, mesmo após todos estes anos. As rondas continuavam a ser uma óptima forma de angariar clientes.

A fama da Mansão das Chamelleas garantia-lhes um fluxo constante de visitantes, mas as irmãs sabiam que havia inúmeras oportunidades desperdiçadas. Os mais tímidos precisavam de reunir alguma coragem, que geralmente residia no fundo de uns quantos copos, e uma grande parte dos visitantes

contentava-se com uma única sessão. Mantendo-se na Mansão, não teriam forma de cativar os turistas menos intrépidos.

Isso mudou quando Amara sugeriu começarem a fazer rondas pela cidade, passeando-se pela zona de bares com o seu ar mais provocante, mostrando tudo o que tinham para oferecer. A ideia era criar o desejo, atiçar os turistas e lembrar-lhes que haviam ido a Libis para ver aquelas mulheres, para partilhar a cama delas, para deixar que elas lhes realizassem todas as fantasias.

Uma vez que a Mansão não podia ficar vazia, tinham de se revezar nessas rondas. Durante a semana, cada uma das seniores tinha um dia a seu cargo. Amara ficava com alphadia, Olympia com aquadia, Kandy com flammadia, Jezza com terradia e Myah com ventidia. Mas o verdadeiro espectáculo acontecia durante o fim-de-semana. De lumendia a omegadia, todas as chamelleas saíam à rua. Amara e as novatas de manhã cedo, Olympia e Kandy ao início da tarde, Jezza e Myah ao anoitecer. Em pouco tempo, este estratagema triplicou as visitas à Mansão.

Quando Myah fazia as rondas, conseguia ver o fogo que acendia no olhar de alguns homens. Sabia instantaneamente que essa noite os teria na sua cama. Sabia-o do mesmo modo que sabia, quando os deixava satisfeitos, que na noite seguinte estariam de volta. Raros são os que conseguem resistir aos encantos de uma chamellea.

Deu por si a sorrir, recordando um jovem norm que, no Verão passado, visitara a Mansão diariamente ao longo de duas semanas inteiras. Acanhado, esperava sempre pacientemente que Myah ficasse livre. Cientes da preferência do jovem visitante, as restantes chamelleas tentaram seduzi-lo, uma atrás da outra, sem qualquer sucesso. Ele declinara a experiente Amara, a fogosa Jezza, a misteriosa Olympia e até mesmo a voluptuosa Kandy. Só Myah fazia os seus deleites.

Myah sabia que as irmãs ficavam melindradas com a rejeição. Várias vezes a questionaram sobre o motivo da preferência do jovem, mas ela não soubera explicar. O sexo com ele não era nada de extraordinário e não havia qualquer fantasia inesperada. De facto, o convívio sempre fora bastante simples e rápido. Ela própria não conseguia entender o porquê desta exclusividade. A sua curiosidade foi satisfeita na sua última sessão, quando o iludido rapaz lhe mostrou um anel de noivado e a pediu em casamento.

Sabia que não tivera a melhor das reacções. Quando recordava o momento, sentia alguma pena do pobre coitado. *Não devia ter rido.* Sentada na enorme cama, rindo sem piedade, conseguira ver a esperança a morrer nos lacrimejantes olhos do rapaz enquanto ele se ajoelhava perante ela, o seu corpo pálido e escanzelado totalmente nu, segurando o anel. Pudera ver todo o

entusiasmo a evaporar-se do corpo dele perante a sua reacção. Quando finalmente conteve o riso, Myah explicou-lhe que não sentia o mesmo por ele e que não podia aceitar a proposta mesmo que o sentisse. Sabia que o que não faltava em Libis eram raparigas tolas que nutriam a esperança de conhecer algum príncipe encantado para que pudessem trocar o Mercado dos Afectos por uma vida normal. Mas a realidade era diferente para as chamelleas.

O rapaz ficara tão envergonhado que se vestira à pressa e correra para fora da Mansão. Não voltara no dia seguinte, nem no outro, nem nunca mais. Deixara o anel para trás e Myah guardara-o, não fosse ele um dia aparecer para o reclamar de volta. Afinal de contas, devia ter custado uma pequena fortuna. No entanto, por vezes dava por si a pensar se estaria a atribuir à jóia algum valor sentimental.

Subitamente, a sua atenção foi desviada da sua torrente de pensamentos para a agitação em redor. Libis era uma cidade ruidosa, a capital do deboche, pulsante de energia, mas havia algo errado com todo aquele tumulto. Aproximou-se rapidamente da multidão. *O que é isto?!* O pânico invadiu-lhe o coração quando viu Jezza a debater-se com três homens enormes que a tentavam agarrar. As roupas da irmã estavam parcialmente rasgadas e um dos seios apresentava-se desnudo.

Myah tentou forçar a sua passagem, mas não conseguia abrir caminho por entre a multidão. *Deixem-me passar!* Alguns riam, outros expressavam o seu desagrado mas não se moviam, não lhe permitiam avançar. *Porque estão aí especados?!* Todos observavam, ninguém fazia nada. Horrorizada, ouviu-se gritar quando viu dois dos agressores a imobilizar Jezza, colocando-a de joelhos frente ao terceiro. Os homens que a agarravam eram corpulentos, a rapariga não tinha qualquer hipótese de lhes escapar. Temendo pela irmã, Myah encontrou forças para furar pela primeira camada de mirones.

Na sua mente estava tudo a acontecer em câmara lenta, mas mesmo assim era rápido de mais para poder reagir. Podia ver o terceiro homem a tocar-se violentamente diante da cara da irmã. *A satisfação do visitante…* Os dois homens que agarravam Jezza ostentavam malévolos sorrisos. O terror dela aprazia-os. Myah quase conseguia sentir o sabor das lágrimas que escorriam pela face desagradada da irmã. *…nunca sentirá… de algum modo a fazer um favor…* Séculos mais tarde, ou assim lhe pareceu, conseguiu chegar ao centro da multidão. Percebeu pela expressão no rosto do violador que este estava perto de atingir o clímax. Todavia, o seu punho atingiu-o primeiro. *…me desejavam intensamente…*

Apanhado de surpresa, o agressor desamparou-se e caiu de costas.

Ironicamente, ainda assim o pénis cuspiu o fruto do seu desejo, que agora lhe escorria pelo bigode, misturado com o sangue que lhe jorrava do nariz.

Cheia de adrenalina, e de uma boa dose de satisfação, Myah demorou a consciencializar-se do perigo que corria. Agora que o seu ritmo cardíaco abrandava, apercebeu-se de que aqueles homens provavelmente a puniriam pela sua intervenção. A multidão não prestara qualquer auxílio a Jezza, e consigo não seria diferente. Ferira o orgulho daqueles brutos, e agora far-lhe-iam pior do que haviam feito à irmã. Ia ser violada. *Não sem luta!*

O homem que esmurrara levantou-se, passou a mão sobre o rosto e atirou com o sémen para o chão com uma expressão de repulsa. O seu sexo continuava exposto, agora murcho e inofensivo, autêntico contraste da fúria que exalava do seu semblante.

— Larguem essa puta! — ordenou, apontando para Jezza. — Vamos embora!

Os outros largaram Jezza, que caiu de bruços, e seguiram-no. Myah correu para a irmã e cobriu-a com um casaco que agarrara no meio da confusão. Levantou-a e apressaram-se para a Mansão das Chamelleas. A ronda estava terminada.

Entraram de rompante na Mansão. As irmãs, alarmadas, correram para elas assim que caíram no chão. Myah sentia-se exausta. Jezza chorava copiosamente. As outras enchiam-nas de perguntas. No meio do seu pranto, Jezza não conseguia responder. Myah, incomodada com o ruído, só desejava que aquilo acabasse.

— Dêem-lhes espaço para respirar! — ordenou Amara. — Myah, o que foi que aconteceu? — perguntou, colocando a questão de uma forma bem mais serena que as irmãs, dando a Myah o tempo suficiente para se recompor.

— Estava prestes a terminar a minha ronda, a caminho da Mansão, quando me apercebi de que havia alguma confusão na praça. — Myah olhou para Jezza, que não interrompera o pranto. — Aproximei-me e vi a Jezza a ser agarrada por três homens. Um deles sacou da pila e ia vir-se para cima dela.

As irmãs retomaram o alvoroço. Kandy estava tão perturbada que o seu cabelo mudava constantemente de cor. Amara olhou-as com severidade, o que foi suficiente para que o silêncio voltasse a instalar-se.

— Quem eram esses homens? — perguntou Amara, de cenho carregado.

— Uns imbecis quaisquer. Não reparei bem neles. — Esforçou-se por recordar, mas não se lembrava de qualquer detalhe em especial. Conseguiria reconhecê-los, porém não sabia como os descrever. — Eram normes, altos e fortes. O punheteiro tinha bigode.

— O nome dele é Lyam. Não fixei o nome dos amigos — fungou Jezza.

— Estava com eles no Rabos de Saia, onde comecei a ronda. — Ergueu-se e dirigiu-se para o sofá junto à entrada. — Ele ofereceu-me uma bebida, mas pareceu-me vê-lo acrescentar-lhe alguma coisa, por isso recusei e disse que tinha de vir trabalhar. Ele agarrou-me o pulso, magoou-me e disse-me para aceitar. Peguei no copo, fingi que ia beber, atirei-lho e desatei a correr. — As lágrimas assomaram-lhe aos olhos. — Seguiram-me, agarraram-me várias vezes, rasgaram-me o vestido todo…

— Porque não mudaste? — perguntou Kandy, cujo longo cabelo exibia agora um tom azul-marinho.

Mudar a aparência teria sido uma solução simples. Bastaria alterar a cor do cabelo ou aumentar um pouco o peso, e depressa se teria misturado na multidão. Era fácil para Kandy ter essa ideia na segurança da Mansão, mas Myah duvidava que o mesmo lhe tivesse ocorrido se tivesse estado no lugar de Jezza, a correr perigo imediato.

— Não serviria de nada, eles estavam próximos de mais para os despistar assim — explicou Jezza. — Toda a gente olhava na nossa direcção, e isso só piorou tudo. As pessoas estavam lá especadas, eu não consegui escapar. Foi então que me fizeram ajoelhar… Foi quando o Lyam começou a… começou a… — O relato tornou-se ininteligível à medida que a torrente de lágrimas aumentava. Calou-se, cobrindo a cara com as mãos. As irmãs respeitaram o silêncio enquanto se recompunha. — Chorei e gritei por socorro, mas ninguém me acudiu. Isso só pareceu deixá-los mais excitados. Então a Myah apareceu do nada e deu um murro ao Lyam quando ele estava prestes a…

— Muito bem, Myah! — interrompeu Olympia, felicitando a salvadora. — E depois, o que aconteceu?

— Depois foram embora. — Myah cobriu o punho direito com a mão esquerda, sentindo agora como este tinha ficado dorido depois do embate. Apercebeu-se de que partira duas unhas no golpe e tratou de as fazer crescer novamente.

— Ele chamou-me *puta*… — chorou Jezza. Kandy confortou-a, envolvendo-a num forte abraço.

— Temos de falar com as autoridades. — Myah sentia-se revoltada com toda a situação. — Esta merda não pode voltar a acontecer!

— Ouvi dizer que uma rapariga da Mansão dos Desejos também foi atacada na semana passada — disse Olympia, sempre a par dos mexericos. — Não sabia se era verdade, mas agora acredito que sim.

— Infelizmente, é verdade… — A voz masculina veio do andar de cima. Myah ficou confusa ao início, mas rapidamente percebeu que se tratava de

um cliente. Alguém bastante familiar. — A Notyr foi drogada e violada. Ainda não conseguimos apanhar os culpados.

— Orson! — gritou Myah, olhando enfurecida para o parapeito onde Orson apertava o cinto. — Onde raios estavas tu? A merda da Patrulha da Cidade passa mais tempo no interior das Mansões do que nas ruas a proteger-nos!

— Calma, Myah — pediu Orson, descendo as escadas. — Não estou ao serviço. Eu e os meus colegas temos feito horas extraordinárias, mas não somos incansáveis! — Mostrou-se indignado. — Temos falta de pessoal. Mobilizaram vários elementos da Patrulha para Piscis, por causa da guerra. — Baixou o olhar para as suas botas prateadas. — Não somos suficientes. Não conseguimos estar em todo o lado.

— Nós sabemos isso, Orson querido — disse Amara, aproximando-se do militar. Envergava o seu rosto mais carinhoso, com os acolhedores olhos castanhos que reservava para os clientes mais próximos. — Perdoa a explosão da Myah, esta situação deixou-as bastante perturbadas.

— Eu entendo que sim. Não é assunto para brincadeiras — asseverou o oficial. — Nós levamos a vossa segurança a sério, meninas! A Patrulha da Cidade está aqui para vos proteger!

Myah soltou um som de escárnio. *Mais parece que a Patrulha da Cidade está aqui para nos foder.* Amara lançou-lhe um olhar severo. Não foi preciso dizer nada, Myah conseguia ler a repreensão no olhar da irmã, mesmo por baixo do seu rosto carinhoso.

— Amanhã vou falar com o comandante e vamos apanhar esses canalhas — garantiu Orson, despedindo-se.

— Amara… — chamou Jezza. — Vou para o meu quarto… Eu… Não me parece que consiga trabalhar hoje.

— Claro, Jezza. Descansa e amanhã sentir-te-ás melhor. — Amara voltou a sua atenção para Myah. Despiu a face carinhosa e era novamente a responsável da Mansão. — Então e tu, Myah? Sentes-te capaz?

Myah sentia-se estafada, mas alguma da adrenalina ainda devia correr no seu sangue, pois descansar era a última coisa que lhe passava pela cabeça.

— Olha bem para isto. — Apontou para o seu vestido sensual, evidenciando as suas formas. Os seus cabelos morenos, que até então estavam num total desalinho, apresentavam-se agora impecavelmente encaracolados. — Fora isto, foi uma ronda muito bem conseguida. Não vou deixar que aqueles imbecis deitem isso a perder. Vou só tomar um banho e desço num instante para trabalhar.

CLAID I

Aniversário

Assim que ouviu passos a calcar as poças de chuva, soube que o pai o tinha encontrado. Sabia que mais cedo ou mais tarde ele haveria de aparecer. Resignado, voltou a guardar no bolso a velha medalha e apressou-se a limpar as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto.

— Imaginei que estivesses aqui… — disse Aledan, à medida que se aproximava do filho. Claid conseguiu sentir o cheiro do seu *after-shave*. Como sempre, o pai trazia a barba imaculadamente aparada. — Oh, Claid, olha bem para ti! Estás completamente encharcado!

— Hei-de secar — resmungou Claid. Sabia que estava encharcado, sentia as roupas pesadas e a pele gelada, não precisava que lho recordassem.

Não se deu ao trabalho de se levantar do chão, aguardando o sermão do pai.

— A tua mãe deve estar preocupada. Não devias desaparecer assim.

— Onde está ela, se assim é? — Era uma pergunta retórica, agressiva, pois sabia perfeitamente onde a mãe estava.

O pai devolveu-lhe um olhar terno. Sempre fora terno.

— A tua mãe também está a sofrer — assegurou. — Não te deves esquecer disso.

Claid cerrou os punhos e deu um murro com força no chão.

— Ela só quer saber de beber!

Treya Thorn, a mãe de Claid, tinha um problema com a bebida. Começara com um copo ao deitar, que se tornara indispensável. Com o passar do tempo, um único copo provara-se insuficiente, e Treya já não bebia somente

para adormecer. Bebia para enfrentar o dia, para suportar o seu sofrimento. Alguns dias eram piores que outros, e Claid sabia que, num dia como aquele, Treya já estaria num estado lastimoso quando ele chegasse a casa depois do turno no EZMeat. Por isso é que fugira. Mas o pai conseguira encontrá-lo. Encontrava-o sempre.

Aledan estendeu-lhe a mão para o ajudar a levantar-se. Claid recusou, pois já não era nenhuma criança. *Então porque fugiste para aqui?* Levantou-se e sacudiu a poeira das calças.

Não havia muitos espaços verdes em Prima, onde os edifícios arranhavam os céus e a tecnologia reinava. Era por isso que Claid gostava de se refugiar no parque Brent. Era aonde o pai o costumava trazer para brincar quando não passava de uma criança. Atiravam pedras ao lago, trepavam às árvores, e uma vez Claid encontrara um sapo de verdade. Quando o levara para casa, a mãe gritara de nojo e obrigara-o a libertá-lo. Claid obedecera, pois a mãe tinha sempre razão. Eram tempos mais simples. Mais felizes.

— Nunca tenhas vergonha de aceitar ajuda, Claid — advertiu o pai, gentilmente.

— Como queiras… — respondeu Claid, com um encolher de ombros.

— Vais voltar para casa? — perguntou o pai.

— Não tenho alternativa, pois não? — respondeu, secamente. — Mal posso esperar por juntar alguns créditos e pôr-me a andar.

— Tens algum lugar em mente? — O pai sorria. Claid percebeu que não estava a ser levado a sério.

— Podia ir para Tetris, há sempre trabalho nas minas — disse. — Alugava um quarto pequeno, para começar, até juntar o suficiente para um sítio melhor.

— Parece que já tens tudo planeado — elogiou o pai. — Mas preferia que ficasses perto de Prima… E há trabalhos mais simples e gratificantes do que as minas. Deixa isso para os tetras.

Claid ficou em silêncio. Sabia que o pai tinha razão. Não queria realmente fugir para trabalhar nas minas, era demasiado franzino para isso. *O mais certo era nem durar uma semana.* Só o dissera para reforçar a ameaça. Começou a caminhar, e o pai seguiu-o.

— Gostava que tivesses continuado os estudos, como os teus amigos — confessou Aledan. — Era mais fácil seguires uma carreira.

— O EZMeat não paga mal — mentiu Claid. Nunca lhe fora fácil concentrar-se nos estudos, especialmente com a mãe naquele estado. Assim que concluíra a escolaridade obrigatória, pusera os livros de lado e tratara de procurar emprego. Quando começara a trabalhar no EZMeat, a mãe celebrara

a ocasião com uma garrafa de champanhe. — E, de qualquer maneira, é só temporário.

— Tens procurado outros empregos? — perguntou o pai, soando preocupado.

— Aqui e ali… Mas não tem sido fácil.

O pai acenou em concordância. Nem toda a gente está disposta a contratar um adolescente inexperiente.

Caminharam em silêncio durante um pouco mais. Saíram do parque, deixando o verde da vegetação para trás, e a cidade começou a desenhar-se diante deles, nas suas cores acinzentadas e desprovidas de vida. A poucos minutos do parque passaram junto à Sound Arena, cujas paredes se encontravam repletas de cartazes a publicitar o Festival de Primavera.

— Estes Starstruck… — ponderou Aledan. — Prestam para alguma coisa?

Claid encolheu os ombros e não respondeu. Sabia que a banda era bastante popular, mas considerava-os sobrevalorizados.

— Parece que só se fala deles agora! Às vezes pergunto-me o que é feito de músicos a sério como Norman and the Norms, The Xenocratic Method, ou mesmo Ultima Holy Flare… — continuou Aledan, parecendo nostálgico.

— Isso são coisas do teu tempo, pai. Já ninguém quer saber! — respondeu Claid, irritado. Partilhava o gosto do pai pelos TXM, mas não lhe apetecia falar sobre isso.

— Vais ao festival com os teus amigos? — perguntou Aledan.

— Ainda não falámos sobre isso… — respondeu Claid, encolhendo os ombros.

— Vocês iam todos os anos… — lembrou Aledan. — Bem sei que costumavam ter um alinhamento melhor, mas ainda assim deve ser um bom sítio para se divertirem…

— Ainda é daqui a uma estação inteira! — resmungou Claid. — Talvez vá, talvez não vá. Eles têm exames por essa altura, o mais provável é não terem tempo.

Eles agora nunca têm tempo.

Aledan não insistiu e baixou o olhar.

Continuaram o seu caminho em silêncio, atravessando ruas ladeadas de grandes edifícios empresariais, todos similares e desinteressantes. Chegaram a uma grande praça no centro da cidade, onde fora recentemente erguida uma estátua de Ernest Swordtip. O tumulto na praça era enorme, com os adultos a sair do emprego e a regressar a casa.

Claid sentiu o estômago dar sinal, olhou para o grande relógio na torre

do *hub* governativo distrital e viu que eram 21 h. *Só mais sete horas até este dia acabar…* Ponderou a hipótese de aguardar que o dia terminasse antes de voltar a pôr os pés em casa. *Amanhã será mais fácil…* No entanto, o seu estômago roncou uma vez mais, lembrando-lhe que não comera absolutamente nada desde que saíra do EZMeat, quatro horas antes. Para piorar a situação, chegavam-lhe diversos cheiros de fazer crescer água na boca. Olhou em volta e reparou nas enormes filas que se formavam em torno dos vários vendedores de comida de rua e das suas apetecíveis iguarias.

— Estás com fome, não? — perguntou o pai, fazendo uso do seu dom natural para salientar o óbvio.

Claid anuiu em silêncio.

— Vamos andando. Não estragues o apetite com estas coisas — aconselhou Aledan, apontando para os vendedores como se tivesse acabado de ler a mente do seu filho. — A tua mãe deve ter preparado um belo…

— Coelho assado… — interrompeu Claid. — Ela faz sempre coelho assado neste dia…

— Isso é porque é o meu prato preferido…

Deixaram para trás o centro da cidade, com todos os seus trabalhadores atarefados e a apetecível comida de rua, e continuaram a caminhar em direcção aos bairros residenciais. Encontraram vários jovens a descontrair-se em bares e cafés, conversando e rindo como se não tivessem uma única preocupação no mundo. Claid sentiu-se irritado por ver tantos azuros a conviver com humanos normais. Sempre nutrira um profundo desprezo pelos azuros. Não era uma questão de racismo. Não era a cor da pele deles que o incomodava. Conhecia normes com variadíssimos tons de pele, e não tinha nada contra eles. No entanto, o caso não era bem assim com aquelas aberrações azuis… *Com os seus poderes telepáticos e sabe-se lá mais o quê.* Apercebeu-se de que tinha os punhos firmemente cerrados. *Depois de tudo o que nos fizeram perder, não é justo que estejam aqui a rir como se nada fosse.* Procurou desviar as suas atenções para outra coisa qualquer e agarrou um folheto que alguém lhe entregara, dobrando-o em quatro e colocando-o no bolso traseiro sem lhe dar importância.

Por fim chegaram ao seu bairro. Claid deu por si a abrandar o passo, uma vez que continuava sem a mínima vontade de voltar para casa. Caminharam lado a lado em silêncio e pararam à porta do prédio. Claid voltou-se para o pai, à procura de coragem para entrar. Aledan sorriu-lhe ternamente.

— Não sei mais o que fazer — admitiu Claid, que se sentia prestes a chorar.

— Tens de ser forte por ela, Claid… — aconselhou o pai, colocando-lhe uma mão no ombro.

— Então e eu, pai? — A voz saiu-lhe mais aguda que o pretendido. Quando deu por si, já as lágrimas lhe escorriam pelas faces. — Quem é que é forte por mim?

— Olha bem para ti! Estás a tornar-te num homem, e tenho muito orgulho em ti!

— Orgulho? — troçou Claid. — Não estudei… Tenho um emprego de merda a vender *fast food*…

— É só uma fase, as coisas vão melhorar! — incentivou Aledan. — Mas tens de ser forte e ajudar a tua mãe.

— Como? Diz-me o que fazer — implorou.

— A tua mãe tem um problema com a bebida… Não adianta negar… Ela quer ficar melhor, tu sabes muito bem que sim, mas não consegue sozinha… — explicou o pai. — Tens de a convencer a ir a uma reunião dos Alcoólicos Anónimos…

— Achas que resulta?

— Acho que é um começo… — confessou. — Só que tens de a apoiar incondicionalmente.

Claid anuiu.

— Agora dá um abraço ao pai. — Aledan abriu os braços de par em par, e Claid correu para eles e apertou com força, enquanto as lágrimas continuavam a jorrar. Sentiu o familiar cheiro do *after-shave* e foi invadido por uma onda de confiança. *As coisas vão melhorar!*

— Adeus, pai — despediu-se Claid, limpando os olhos e dirigindo-se para a porta. Aledan ficou a acenar-lhe enquanto entrava, depois levou as mãos aos bolsos e desapareceu de volta à cidade.

Claid subiu as escadas até ao terceiro andar, uma vez que o elevador continuava fora de serviço. Rodou a chave o mais silenciosamente que foi capaz, para não perturbar a mãe, caso esta tivesse adormecido. Encontrou a casa às escuras.

Talvez se tenha ido deitar, melhor assim.

Ouviu barulho vindo da sala. O holoecrã estava ligado num daqueles canais aborrecidos que passavam notícias a tempo inteiro. O tema do momento era a situação em Piscis. No início da semana, as Forças da Aliança tinham sido vítimas de um ataque surpresa que causara a morte de dezenas de militares. O noticiário parecia não ter nada de novo para revelar, informando apenas que os familiares das vítimas identificadas já tinham sido notificados. Claid pegou no comando e desligou o holoecrã. Não estava com paciência para ouvir falar de mais tragédias. Não naquele dia.

Queria livrar-se daquela roupa encharcada e vestir um pijama quente

e confortável, mas tinha de aplacar o seu queixoso estômago primeiro. Dirigiu-se à cozinha para ver se sobrara algo do jantar e sobressaltou-se quando viu a mãe sentada ao balcão. Segurava uma familiar fotografia amarrotada frente a uma vela, e ao seu lado estava uma garrafa praticamente vazia.

Tal como o filho, Treya era magra, de aparência frágil. Claid tinha uma lembrança difusa da mãe com uma composição mais roliça, mas não sabia se o recordava ou simplesmente achava que sim por o ter visto em fotos antigas. O seu cabelo escuro estava emaranhado e um tanto sujo.

— Estás atrasado… — ralhou Treya. Pelo tom arrastado da voz da sua mãe, Claid percebeu que aquela já não devia ser a primeira garrafa do dia. — Vem, vamos jantar!

A mãe levantou-se e cambaleou um pouco até recuperar o equilíbrio. Claid correu para a apoiar e transportou-a até à mesa, sentando-a no seu lugar habitual. Tal como previra, a mesa estava posta para três. O coelho jazia esturricado e frio na assadeira, ao centro. Tinha um aspecto intragável.

Devia ter comido alguma coisa no centro.

— Fiz o prato preferido do teu pai! — disse a mãe. — Vá, senta-te… Senta-te.

Claid sentou-se na frágil cadeira e tentou mantê-la firme. A sua ébria mãe fez o melhor para lhe servir um grande pedaço de coelho. Claid olhou para o monte de ossos calcinados sem saber exactamente por onde começar, enquanto a mãe enchia novamente o copo.

— Mãe… — Claid falava com suavidade, ciente de que a menor provocação podia fazê-la perder as estribeiras. — Não achas que já chega de bebida por hoje?

— Claid, é só um copo! — troçou Treya. — A tua mãe sabe tomar conta de si!

Sabes?

— Tudo bem, só mais um copo, então… — disse Claid, conformado.

Observou Treya enquanto esta servia o terceiro prato e o colocava diante de um lugar que permaneceria vazio. Em seguida, olhou para o seu próprio prato e começou a sentir-se enjoado, a fome já esquecida. A mãe parecia indiferente à qualidade da refeição, começando a comer sem qualquer hesitação.

Claid cortou um pedaço de carne e levou-o à boca. Estava tão seca que se tornava difícil mastigar, e o sabor a queimado era demasiado forte. Era como se estivesse a comer um pedaço de carvão.

— Não comes? — perguntou a mãe, com um tom de reprovação na voz.

— Não preferias que mandasse vir alguma coisa do Forno Gordo? — sugeriu Claid. — Tu adoras a comida deles.

A mãe terminou de mastigar e esforçou-se por engolir, não deixando de empurrar com a bebida. Parecia enfurecida.

— Seu ingrato! Como te atreves?! — Apontou-lhe um dedo trémulo. — É o prato preferido do teu pai!

— Bem, o pai não o vai comer, pois não? — desafiou Claid, arrependendo-se de imediato.

Foi surpreendido por um estalo que lhe deixou a bochecha em brasa. Sentiu o rubor na face, um misto de dor e vergonha. Sabia que tinha abusado, merecera a punição.

— Como te atreves?! — repetiu a mãe. — Hoje?! Hoje, de todos os dias!

— Desculpa…

— Cago nas tuas desculpas! — gritou Treya. — Não sabes que dia é hoje?

O aniversário…

— Claro que sei… — murmurou Claid, fitando o chão.

— O que estás a dizer?

— Eu sei que dia é…

— Então diz! — exigiu a mãe. — Diz que dia é!

É o aniversário…

— É o… — começou Claid, mas a voz falhou-lhe e não foi capaz de terminar.

— Estiveste com ele, não estiveste? — acusou Treya. — Ele só te procura a ti…

— Não sejas ridícula… — disse Claid, procurando evitar o assunto. — Acho que está na hora de te ires deitar, mãe…

A mãe deixou-se cair novamente na cadeira e desatou num pranto.

— Não é justo… — soluçou. — Não é justo…

— Mãe… — implorou Claid.

— Eu também o quero ver… Eu sinto a falta dele…

— Mãe, vem dormir… Anda… — insistiu.

Tens de ser forte e ajudar a tua mãe…

— Eu tento… Dia após dia… Encharco-me de bebida… — Pegou na garrafa e levou o gargalo à boca, tentando saciar a interminável sede. — Ele nunca aparece… *Nunca*! — Arremessou a garrafa e esta estilhaçou-se contra a parede. O pouco vinho que restava aglomerou-se no chão como uma poça de sangue.

Depois dessa explosão, Treya parou de gritar e ficou a chorar em silêncio. Claid aproveitou a deixa para a conduzir para a cama. A mãe tremia e

chorava enquanto seguia aos tropeções até ao quarto. Claid deitou-a na cama e cobriu-a com o velho cobertor.

— Ficas bem, mãe? — perguntou.

— Nunca… Nunca vou ficar bem… — chorou Treya.

— Vais sentir-te melhor amanhã… Descansa…

— Aqueles cabrões… É tudo culpa deles…

— Pois é, mãe… Eu sei…

— Eles mataram-no, Claid… Eles mataram o teu pai…

O aniversário… da morte do pai…

Catorze anos depois, as palavras eram as mesmas.

Eles mataram-no, Claid… Eles mataram o teu pai…

Era uma das suas recordações mais antigas. Não sabia se era genuína ou se a tinha fabricado a partir do que lhe contavam. Talvez fosse demasiado pequeno para se lembrar. Estivera a assistir a algo no holoecrã, alguma coisa com monstros assustadores e espadas mágicas, quando ouvira a mãe gritar. Estava um homem à porta com um uniforme branco e prateado, tal como o do pai. Acabara de dar a Treya a fatídica notícia. O pai não voltaria… Não voltaria nunca mais… Só restavam as roupas, os vídeos e as velhas fotografias, amarrotadas por anos de uso e descoloradas por litros de lágrimas. O militar entregou-lhes ainda uma medalha violeta, uma pobre recompensa pelo serviço do pai. Desde então, Claid trazia-a sempre consigo. Imaginou que naquele momento houvesse familiares dos caídos em Piscis a passar pela mesma situação. Será que também teriam direito a uma medalha pelo sacrifício dos seus entes queridos?

Claid esperou que Treya caísse no sono antes de a deixar. Depois, regressou à cozinha e abriu um pacote de bolachas que lhe serviria de jantar. Em seguida, colocou no lixo o indesejado assado e depositou a louça suja na pia para lavar mais tarde. Por fim, varreu os vidros espalhados e limpou o vinho entornado o melhor que conseguiu. Quando terminou a sua arrumação, pegou nas bolachas que sobraram e foi para o seu quarto.

Enquanto se despia, apercebeu-se de que a roupa ainda estava ensopada. Ao tirar as calças, sentiu um papel melado no bolso traseiro. Retirou-o com cuidado para evitar que se estragasse e deu uma olhada para perceber do que se tratava.

VAMOS SALVAR A HUMANIDADE!

O futuro está nas tuas mãos!

Não sejas apenas mais um espectador!

É preciso alertar, é preciso intervir!

É preciso uma Mudança!
Auditório Peterson
De alphadia a ventidia, às 25 h!

Junta-te à Mudança!
Descobre o teu verdadeiro valor!

Olhou intrigado para o apelo no papel molhado. Lembrou-se de que o aceitara de um fulano qualquer à medida que se afastava, *com o pai*, do centro da cidade. Não fazia ideia do que era essa tal *Mudança*, mas concordava que a humanidade ainda tinha algumas arestas a limar.

É só uma fase, as coisas vão melhorar…

Fazia sentido começar pelo que estava ao seu alcance. Amarrotou o papel e atirou-o para o balde do lixo ao lado da secretária. De seguida, ligou o holoecrã e passou as horas seguintes em busca de informação sobre reuniões dos Alcoólicos Anónimos nas proximidades.